MEMORIAL DESCRITIVO

A TRAJETÓRIA DE UM GESTOR-INVESTIGADOR NA FRONTEIRA DA RESILIÊNCIA URBANA E DA INOVAÇÃO SOCIAL

- **Identificação do/a candidato/a:** Eduardo Kimoto Hosokawa
- **Link do Currículo Lattes:** https://lattes.cnpq.br/2440957651648694

1) INTRODUÇÃO: O PRAGMATISMO COMO ESTRATÉGIA DE GESTÃO

Minha trajetória profissional e acadêmica, construída ao longo de mais de duas décadas na esfera pública, é alicerçada na convicção de que a Administração Pública contemporânea exige mais do que eficiência técnica; ela demanda a capacidade de orquestrar soluções complexas em arenas marcadas pela incerteza e pela urgência climática. Ao longo de minha atuação no município de Santos (SP), consolidei-me na fronteira entre a gestão de dados geoespaciais, a governança ambiental multinível e a implementação de estratégias de resiliência urbana.

Esta busca pelo Doutorado em Administração na ESAG/UDESC não representa uma ruptura, mas a maturação necessária de um "gestor-investigador". Compreendo, sob a lente do pragmatismo, que o próximo salto da resiliência urbana brasileira reside na Inovação Social. Minha motivação é sistematizar o "modelo de gestão de Santos" sob o rigor teórico do Núcleo de Inovação Social na Esfera Pública (NISP), transformando experiências de campo em ciência aplicada que fortaleça a democracia e a justiça climática.

2) INFRAESTRUTURAS DE INVESTIGAÇÃO: AS GEOTECNOLOGIAS COMO BEM PÚBLICO (2000 – 2010)

Iniciei minha jornada acadêmica e profissional compreendendo que a invisibilidade dos dados é o maior entrave à justiça socioambiental. Entre os anos 2000 e 2002, atuei na coordenação do projeto de inserção do geoprocessamento na

gestão pública nas esferas municipal, estadual e federal, via Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE) e a Fundação de Ciência, Aplicações e Tecnologia Espaciais (Funcate) em São José dos Campos. Esta experiência foi o alicerce para minha mudança para Santos em 2002, com a missão de implementar o premiado projeto Santos Digital.

Essa imersão técnica culminou na idealização e coordenação do SIGSantos (Sistema de Informação Geográfica de Santos). Sob a ótica teórica de John Dewey (1927), o SIGSantos não deve ser compreendido meramente como um artefato tecnológico, mas como uma infraestrutura de investigação pública. Ao integrar, organizar e espacializar bancos de dados de diversas secretarias, a plataforma permitiu que problemas anteriormente "invisíveis" ou restritos à esfera privada (como o risco geológico em áreas informais) fossem colocados no mapa da decisão política.

Essa atuação consolidou minha posição como um Gestor Público de Referência, estabelecendo pontes sólidas com centros de excelência como o Centro Nacional de Monitoramento e Alertas de Desastres Naturais (CEMADEN) e o INPE. A colaboração com pesquisadores renomados, como Dr. José Antônio Marengo Orsini, Dra. Sin Chan Chou, Dr. Lincoln Muniz Alves e Dr. Luiz Eduardo Oliveira e Cruz de Aragão, resultou na publicação de papers e artigos em periódicos de excelência (Qualis CAPES A1), demonstrando que a prática administrativa, quando submetida ao rigor científico, produz conhecimento de vanguarda sobre a adaptação às mudanças climáticas no litoral brasileiro.

3) GOVERNANÇA MULTINÍVEL E ARENAS PÚBLICAS GLOBAIS

A consolidação da inteligência geográfica em Santos revelou que o dado técnico era apenas o primeiro passo. A gestão da crise climática exigia um marco regulatório e uma articulação sofisticada entre escalas de governo. Como Coordenador Executivo da Comissão Municipal de Mudança do Clima, liderei o processo que posicionou Santos como uma referência global em resiliência.

Fui o proponente do primeiro Plano Municipal de Mudança do Clima do Brasil (PMMC), hoje em sua primeira atualização denominado Plano de Ação Climática de Santos (PACS) a institucionalizar as Soluções baseadas na Natureza (SbN) e a

Adaptação baseada em Ecossistemas (AbE) como pilares estruturantes de governo. Minha atuação como Ponto Focal junto à Cooperação Alemã (GIZ) e ao Ministério do Meio Ambiente (MMA) exemplifica o papel do gestor como um mediador de fronteiras (*boundary spanner*), garantindo que recursos internacionais e conhecimentos técnicos globais fossem traduzidos para a realidade do território.

Essa liderança expandiu-se para a esfera estadual como Membro Titular do Conselho Estadual do Meio Ambiente (CONSEMA), especialista referência junto a Secretaria de Meio Ambiente do Estado de São Paulo (SMA/SP) e Companhia Ambiental do Estado de São Paulo (CETESB), onde participei da formulação de diretrizes ambientais de larga escala. Paralelamente, coordenei o Plano Municipal de Conservação e Recuperação da Mata Atlântica (PMMA), demonstrando que a preservação ecossistêmica é, em última análise, uma estratégia de segurança pública e redução de desastres, sendo pioneiro no Brasil em se apoior na questão social como piplar principal na aplicaçao do conceito de Adaptação baseada em Ecossistema (AbE).

Com estes resultados foi possível sensibilizar os Gestores Municipais, com suas diferentes visões e atuações, possibilitando a criação da Seção de Mudança do Clima (SECLIMA), dando a devida representatividade e certo poder de ação, na transversalidade do tema na estrutura de Governança Climática.

O reconhecimento internacional veio através da indicação como membro da Comitiva Brasileira na COP 26 da ONU em Glasgow, e pela coordenação local do Projeto Metropole (Forum Belmont), onde atuei como o elo entre a gestão pública e grandes pesquisadores nacionais e internacionais.

4) A MATERIALIDADE DA INTERVENÇÃO E O RECONHECIMENTO DA CRÍTICA

A eficácia da administração pública é testada na materialidade das intervenções e na sua capacidade de resistir ao escrutínio público. Coordenei a implementação pioneira do projeto de mitigação erosiva na Ponta da Praia através do uso de Geobags (barreiras submersas). Esta intervenção exigiu uma complexa gestão de conflitos em arenas públicas, equilibrando interesses ambientais, portuário e urbanísticos.

O sucesso desta iniciativa rendeu o prêmio internacional do World Resources

Institute (WRI) para projetos de SbN em cidades. Tal reconhecimento, somado à repercussão em veículos de alta relevância como a Revista FAPESP, National Geographic, Jornal da USP e Reporter ECO (TV Cultura), validou a premissa de que o saber-fazer local, quando aliado à técnica inovadora e à transparência na comunicação pública da ciência, pode desafiar modelos tecnocráticos tradicionais.

5) O MONTE SERRAT: DA TÉCNICA À INOVAÇÃO SOCIAL VIVA

A experiência mais transformadora da minha trajetória, e que fundamenta meu interesse de pesquisa no NISP, ocorreu na coordenação do projeto de Recuperação Socioambiental em Área de Risco no Morro Monte Serrat. Atuando como ponto focal para o Governo Alemão — recebendo autoridades como a representante especial para Política Climática Internacional, Jennifer Morgan —, percebi que a eficácia da engenharia e do suporte da Defesa Civil era dependente de uma dimensão imaterial: a confiança e a co-construção com a comunidade.

Neste contexto, identifiquei o "objeto de problematização" central para minha futura tese: a necessidade de uma mediação dialógica — fundamentada na ecopedagogia freiriana— para que a resiliência deixe de ser um plano técnico "de cima para baixo" e torne-se uma Inovação Social viva. Mesmo diante de mudanças de governo, minha permanência como a pessoa de contato acolhida em campo pela comunidade demonstra que a legitimidade do gestor-investigador reside na sua capacidade de manter a "escuta ativa" e o acolhimento, elementos fundamentais para a sustentabilidade de qualquer política pública.

6) CONCLUSÃO: UM NOVO CICLO DE INVESTIGAÇÃO EM SANTA CATARINA

Minha trajetória como engenheiro concursado e gestor público em Santos permitiu-me acumular uma vasta experiência comprovada em artigos, palestras e entrevistas de excelência. No entanto, sinto o imperativo de transcender o relato de experiência para a construção de teoria crítica em Administração Pública.

Minha recente decisão de solicitar exoneração da Prefeitura de Santos para me

radicar definitivamente em Palhoça/SC (Pedra Branca) visa, além de questões familiares, o compromisso integral com o Doutorado. Tenho a convicção de que o ecossistema de inovação de Santa Catarina e o rigor metodológico sob orientação do NISP/UDESC, oferecem o ambiente ideal para sistematizar o conhecimento que acumulei.

Além da gestão, trago comigo a experiência como professor voluntário e a prática do Origami, atividades que reforçam minha crença na educação sensível e na paciência necessária para a construção de processos sociais duradouros. Busco este doutorado para produzir uma ciência aplicada que não apenas descreva a realidade, mas que forneça as tecnologias sociais necessárias para que cidades como Florianópolis e demais municípios litorâneos brasileiros enfrentem os desafios climáticos com democracia, justiça e inovação social.